



Pormenor do anverso. Titulus crucis e Águia de São João

Pormenor do reverso. Agnus Dei

demonstrando a concordância do programa iconográfico das duas faces. O detalhe do desenho gravado a buril estende-se às linhas ondulantes que imitam o pêlo, à superfície preenchida por um mosaico de losangos ponteados ao centro a punção e à coroa que contorna o medalhão, totalmente preenchida por um friso cadenciado de motivos fitomórficos estilizados. As extremidades do patíbulo e a parte superior do estipe são decoradas por um ornamento entrelaçado de sabor nórdico, constituídos por círculos marcados a compasso e envolvidos por fios enlaçados. A parte inferior do estipe exibe, por seu turno, um rico padrão de folhagem em leque, de referências clássicas e mediterrânicas.

A peça não reúne consenso quanto à cronologia, tendo sido datada do século XIII, na Exposição de *Arte Sacra Ornamental*, de 1895, de finais do XI por Anísio Franco e do XII por Carla Varela Fernandes. A dificuldade explica-se pela longa vida do modelo, de origem paleobizantina e que perdurou no tempo, agregando novas gramáticas decorativas e iconográficas como é próprio dos objetos com grande significado simbólico. Franco sugeriu a hipótese de uma origem norte italiana, por se assemelhar a um exemplar do Museu de Cluny à qual se atribui a referida origem. A sugestão foi acatada por Fernandes, que considerou a repetição das cruzes bizantinas no território italiano, atendendo à proximidade geográfica e cultural. Importa recordar, no entanto, que se trata de um modelo de longa tradição muito difundido em toda a Europa, continuamente sujeito a pequenas adaptações/acrescentos em função dos contextos geográficos e devocionais, fatores que conferem um significado muito próprio a estas peças. Formal e iconograficamente a peça é, sem dúvida, românica.

Texto: ACS - Fotos: JNG

Bibliografia

BARROCA, M.J., *in* NOS CONFINS DA IDADE MÉDIA, 1992, pp. 128-129; S.A., 1895, n.º 57, p. 13; FERNANDES, C.V., 2016, pp. 71-73; FERREIRA, M.E.O, 2010, p. 34; IPM, 2003a, pp. 64-66; S.A., 1882, sala G, n.º 31, p. 131.

Cruz de cobre dourado (MNAA 488 Met)

A CRUZ DE COBRE DOURADO (nº de inv. 488 Met) foi incorporada no acervo do MNAA em 1981, na sequência do legado deixado pelo colecionador Barros e Sá. Enquadra-se no significativo conjunto de cruzes latinas pateadas (35,7 x 31,6 cm e 948,2 g.), de longa tradição cristã e conserva o crucifixo original. O estipe perdeu, no entanto, a parte superior e, consequentemente, o *titulus* com a tradicional inscrição em latim *Ihesus Nazarenus*

Rex Iudaeorum, mandado colocar sobre a cruz por Pilatos e escrito em hebraico, grego e latim, conforme relata o Evangelho Segundo São João (Jo 19, 18-20).

A cruz foi recortada numa única lâmina de liga de cobre, à qual se acrescentou as esferas e os espigões perlados nos ângulos e no centro dos braços, respetivamente. A superfície apresenta uma gramática decorativa de cariz essencialmente geométrica, obtida por incisão, distinguindo-se pela diversidade e densidade dos ornamentos. As extremidades dos braços são delimitadas pelo habitual motivo entrançado e a parte mais larga está totalmente preenchida por um motivo inspirado na trama e urdidura da cestaria (que resulta do cruzamento de dois fios no sentido horizontal e vertical formando um padrão quadriculado), semelhante ao observado nas cruzes da antiga paróquia de Gagos, na do MET (Inv. 17.190.802) e na da antiga coleção Correia de Campos, atualmente de paradeiro desconhecido. O padrão encontra filiações artísticas no universo cultural bizantino, subsistindo até à atualidade no contexto da igreja ortodoxa. No friso externo do medalhão circular do cruzeiro aplicou-se a "onda grega", ornamento clássico profundamente enraizado no Mediterrâneo, que testemunha o perpetuar das formas artísticas no universo medieval. O mesmo padrão repete-se na parte inferior do patíbulo, associado a frisos perlados e raiados, estes acentuados em toda a volta do corpo do Cristo, como se fosse um resplendor de luz. Tal como é habitual nestas cruzes, o contorno do corpo de Jesus foi marcado por linhas contínuas, no caso da barriga e pernas, e perladas na zona do tórax e braços. O douramento original conferia, ao conjunto, um efeito visual mais impactante.

O corpo esguio, alongado e hirto do Cristo encontra afinidades com os preservados na cruz 63 Met, do mesmo Museu, e no de Vila Nova de Paiva, embora apresente algumas variantes estilísticas. Trata-se de uma peça de meio vulto obtida por fundição, com acabamentos posteriores a cinzel. Os braços encontram-se numa posição retilínea, com as mãos abertas, a palma voltada para fora, destacando-se o polegar. As pernas estão unidas e os pés rodados para fora, repousando sobre supedâneo representado através de um friso reticulado. A nudez foi parcialmente ocultada por um perizónio relativamente curto, preenchido por decoração gravada e as costelas encontram-se claramente marcadas e evidenciadas em relação ao ventre. O umbigo foi exacerbado através de círculos ponteados, que testemunham uma intenção clara de o valorizar. Esta vontade pode ser explicada por razões simbólicas, no sentido de enfatizar a ideia do "centro divino" visível na figura do Verbo encarnado nascido de uma Virgem. A cabeça exibe

Cruz de cobre dourado (MNAA 488 Met). Anverso



Reverso



uma coroa aberta, como é frequente nas imagens destes Cristos triunfantes, tal como o rosto estreito e esguio, com as cavidades oculares bem assinaladas e os olhos abertos. As ranhuras na face evidenciam um Cristo barbado, de boca bem delineada, embora o nariz revele um desenho mais fino e delicado do que os observados nas cruzes de Vila Nova de Paiva e 63 Met do MNAA. A principal diferença estilística reside, no entanto, no ligeiro rodar da cabeça para direita, que denuncia uma outra prática representativa da iconografia do Crucificado.

A gramática decorativa do reverso é de todo semelhante à observada na cruz da antiga paroquial de Gagos: debruado de duas fitas entrançadas, com linha perlada na superfície e uma grelha no interior dos braços que repete o mesmo ornamento ponteado. O interior do medalhão do cruzeiro forma uma cruz grega ao centro através do encontro de quatro palmetas cordiformes, muito estilizadas, mas de ampla tradição artística. O mesmo motivo repete-se nos ângulos inferiores do estipe. O reverso ostenta ainda abundante cobertura de dourado, com exceção do estipe inferior, certamente por este ter estado mais sujeito ao manuseamento e toque.

A cruz conserva um nó que poderá corresponder ao original, pela repetição do motivo entrançado gravado superior e inferiormente. O desaparecimento do douramento permite observar o ponto de união das duas meias esferas embutidas separadamente e soldadas entre si. O elemento superior de ligação à cruz, cravado nela por meio de três pregos, corresponde, no entanto, a uma grosseira intervenção posterior. A roseta de contorno ondulante gravada na parte inferior da haste, demonstra que o elemento de encaixe original obedecia à forma encontrada em outros exemplares conservados, em particular na cruz 63 Met guardada no mesmo museu. Estes elementos de encaixe prolongam, em termos formais e decorativos, uma linguagem decorativa herdeira do mundo clássico.

Datada do século XII por Anísio Franco, esta cruz, infelizmente mutilada, fortalece um número significativo de cruzes medievais que prolongaram, no tempo, um protótipo abundantemente repetido no mundo cristão. É nesta ampla aceitação do modelo, que satisfez durante séculos as necessidades litúrgicas dos espaços sacros, que devemos centrar a nossa atenção, por este materializar fragmentos de memória dos tempos medievos. Às cruzes entendidas como símbolo da ressurreição do Cristo, de tradição paleobizantina, associou-se a imagem de um Cristo vivo e triunfante, de cabeça erguida e olhos abertos, que assegura aos fiéis a vitória sobre a morte e, consequentemente, o sucesso da sua Missão na terra.

Texto: ACS - Fotos: JNG

Bibliografia

CER.ES; FERNANDES, C.V., 2016; IPM, 2003a, pp. 16 e 69.

Cruz de cobre dourado (MNAA 63 Met)

ESTE EXEMPLAR que se conserva no Museu Nacional de Arte Antiga, com o número de inventário 63 Met, integra uma tipologia de cruzes em voga no século XII, em Portugal, mas de longa tradição cristã. Trata-se de uma cruz latina pateada, com as extremidades dos braços mais largas e côncavas, decoradas com esferas nos ângulos e ao centro, e medalhão circular no ponto de interceção da cruz. Desconhece-se a origem e a data de incorporação desta peça no museu.

A cruz é formada a partir de uma única lâmina de liga de cobre (40,2 x 31,9 cm e 915 g. de peso), sendo gravada em ambas as faces. Na origem foi integralmente dourada, apresentando atualmente apenas alguns vestígios desse revestimento, mais visíveis no reverso do objeto. O crucifixo, obtido por fundição, encontra-se pregado a quatro pregos no anverso, sendo estilisticamente muito próximo do observado na cruz da igreja paroquial de Vila Nova de Paiva. Simbolicamente, enquadra-se na categoria dos Cristos triunfantes, com a cabeça coroada e de olhos abertos, lembrando a vitória do Filho de Deus sobre a morte. O corpo do Cristo, esguio e alongado, apresenta a habitual postura de braços retilíneos, pernas unidas e pés separados. A nudez é parcialmente coberta pelo pano da pureza, cuidadosamente gravado com motivos geométricos. Os traços anatómicos são assinalados por linhas abstratizantes, salientando-se o umbigo marcado através de um círculo, o "divino centro" no sentido clássico, recordando que o Salvador encarnou pelo Espírito Santo no corpo de uma Virgem e se fez Homem. No rosto sobejam algumas parcelas de douradura, distinguindo-se igualmente o nariz proeminente e a particularidade das ranhuras verticais que simulam a barba do Cristo. Por cima da Sua cabeça,